

# **Dr. Gary Yates, Livro dos 12, Sessão 10, Amós, Visões de Julgamento e Promessa de Restauração, Amós 7-9**

© 2024 Gary Yates e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre os Profetas Menores. Esta é a sessão 10, Visões de Julgamento e Promessa de Restauração, Amós 7-9.

A terceira e última seção do livro de Amós é encontrada nos capítulos 7 a 9 de Amós. Deixe-me lembrá-lo de qual é a estrutura geral e a mensagem do livro. O livro começa com o Senhor rugindo de Sião como um leão e trovejando como uma tempestade.

Ele sairá em julgamento. Nos capítulos 1 e 2, Deus julgará as nações. O elemento surpresa foi que as nações incluíam Judá e Israel, que eram o povo de Deus.

A sua condição de povo escolhido de Deus não os isentaria. As nações da terra violaram a aliança de Noé pelos seus crimes, pela sua violência, pelos seus pecados sociais contra outros povos. Israel e Judá quebraram os mandamentos de Deus encontrados na lei mosaica e na aliança mosaica.

Mas todas essas nações eram culpadas de transgressão ou paxá. Eles se rebelaram e violaram a aliança. Nos capítulos 3 a 6, temos a segunda seção do livro e é uma elaboração sobre por que Deus julgará seu povo Israel.

Fala sobre a natureza do julgamento, as razões do julgamento e a extensão disso. Há novamente um foco significativo nos pecados sociais de Israel, na sua prática de injustiça e no facto de a sua adoração ser insincera para com Deus. Logo no início do nosso estudo sobre Amós, vimos que há três preocupações principais na sua pregação.

É um aviso para as pessoas que são complacentes com sua riqueza, um aviso para as pessoas que não praticam a justiça e um aviso para as pessoas que estão praticando a adoração. Esses detalhes são apresentados e elaborados para nós nos capítulos 3 a 6. Em meio ao julgamento e à advertência do desastre militar e da derrota que sobrevirá a Israel, há também os apelos ao arrependimento. Busque a Deus e viva.

Ainda não é tarde para Israel ficar isento do julgamento. À medida que avançamos para os capítulos 7 a 9, a terceira seção do livro, teremos, novamente, uma mensagem implacável de julgamento. Isto é característico do livro de Amós como um todo.

Deus é o leão que ruga e a tempestade trovejante. Esta mensagem de julgamento nesta parte específica do livro, uma forma diferente, uma forma contrastante de ajudar as pessoas a verem a seriedade e a natureza sinistra do que está prestes a acontecer com elas, é que esta mensagem de julgamento é transmitida em uma série de cinco visões. Os profetas eram mensageiros de Deus.

Eles falaram, assim diz o Senhor, mas muitas vezes, a maneira como Deus revelava essas mensagens aos profetas era que eles tinham visões. Frequentemente, essas visões representavam simbolicamente o que Deus planejava fazer e o que Deus pretendia fazer no futuro. Então o profeta, creio que de uma forma que tornou a mensagem de julgamento mais vívida, real e dramática, muitas vezes explicava essas visões às pessoas e as ajudava a compreender o significado disso, o simbolismo que estava envolvido.

Temos uma série de cinco visões de julgamento em Amós, capítulos 7 a 9. Finalmente, no final do livro, todos os profetas eram mensageiros tanto do julgamento quanto da salvação. Finalmente, no final do livro, em Amós capítulo 9, versículos 11 a 15, finalmente temos a promessa de restauração e esperança para o futuro de Israel. De certa forma, quando olhamos para o corpus dos livros proféticos do Antigo Testamento, Amós é um dos profetas de julgamento mais implacáveis.

Mas mesmo no final deste livro, fala-se de 90% das pessoas sendo levadas ou morrendo no julgamento, Israel sendo arrancado da boca de um leão como um cordeiro onde não resta nada além de uma orelha e um rabo e um pouco de perna. Mesmo num livro onde o julgamento é tão severo e intenso, há uma promessa no final de que, em última análise, Deus irá restaurá-los. Vamos olhar essa passagem no capítulo 9, versículos 11 a 15, e tentar entender melhor do que se tratava a mensagem escatológica dos profetas. Qual era a esperança que eles estavam dando a Israel? E então, como essa esperança é compreendida e desenvolvida à medida que vemos a revelação mais ampla e a revelação mais completa que nos é dada no Novo Testamento? Primeiramente, em Amós 7-9, vejamos as cinco visões do julgamento.

Quero tentar explicar cada uma dessas visões, o que elas simbolizam e o que transmitem. No capítulo 7, Amós diz: Isto é o que o Senhor Deus me mostrou. Eis que ele estava formando gafanhotos quando o último crescimento estava apenas começando a brotar.

E eis que era o último crescimento depois do corte do rei. Quando eles terminaram de comer a grama da terra, eu disse: Ó Senhor Deus, por favor, perdoe. Como Jacó pode ficar de pé? Ele é tão pequeno.

O Senhor Deus cedeu a isso. Não será, disse o Senhor. A primeira visão que temos em Amós 7:3 é que Amós teve uma visão de uma invasão de gafanhotos fervilhando pela terra de Israel.

Isto é algo que acontecia comumente nesta parte do antigo Oriente Próximo. É algo que ainda acontece naquela parte do mundo hoje. Em Deuteronômio 28, a invasão de gafanhotos que consumiriam as plantações era uma das maldições da aliança que o Senhor havia mencionado que enviaria contra o povo.

No capítulo 4, eles experimentaram isso no passado recente. E então, Amós tem uma visão. Agora, onde esta praga de gafanhotos vai inundar completamente a terra, devastá-la totalmente.

E como resultado disso, Amós desempenha o papel de intercessor. Ele intercede pelo povo e diz: Deus, você percebe que a nação de Israel é tão pequena que não pode sobreviver a uma devastação agrícola e econômica como esta praga de gafanhotos? O mais surpreendente é que o Deus do Antigo Testamento, que muitas vezes é retratado como sendo esse Deus irado, vingativo e colérico, responde às orações de Amós.

E diz que o Senhor Deus cedeu. Outra maneira de traduzirmos isso, ele mudou de ideia. E nos concentraremos nisso também quando chegarmos ao profeta Miquéias.

Mas aqui vemos a paciência de Deus, a misericórdia de Deus. Lembre-se que na aliança, Deus disse em Êxodo capítulo 34 versículo 6 que ele era um Deus de compaixão e hesed. Especificamente, parte dessa compaixão envolve a disposição de perdoar pecados e ele é lento em se enfurecer.

A expressão hebraica é que ele tem nariz comprido. Em outras palavras, você pensa no nariz, nas narinas dilatadas ou vermelhas quando uma pessoa está com raiva e prestes a explodir de raiva. Deus é lento para fazer isso.

E embora este julgamento sobre o qual Amós está alertando seja terrível, horrível e significativo, as pessoas precisam estar preparadas para isso. O Senhor também está refletindo que, de várias maneiras, ele está dando ao povo múltiplas oportunidades de arrependimento. Vemos até no Antigo Testamento que, à medida que Deus se prepara para julgar Israel e Judá, ele continuamente altera os prazos.

Os políticos falam sobre prazos flexíveis quando não conseguem fazer as coisas a tempo. Mas Deus tinha prazos flexíveis porque estava dando ao povo cada vez mais oportunidades de arrependimento. Então, quando o profeta ora, Deus cede e não envia julgamento.

O Senhor está agindo aqui no final da história de Israel de uma forma que é consistente com a forma como agiu no início da história de Israel. No capítulo 32 de Êxodo, depois do pecado em que Israel adorou o bezerro de ouro e cometeu infidelidade à aliança contra o Senhor, logo no início deste relacionamento, Deus

disse a Moisés, recue; Vou destruir essas pessoas; Vou recomeçar com você. No meio disso, Moisés, como profeta, intercedeu por seu povo.

Ele disse: Senhor, o que dirão os egípcios quando ouvirem que destruíste o teu povo? Como resultado disso, temos a mesma linguagem usada aqui em Amós. Deus cede. Ele muda de ideia.

Ele não envia o julgamento, e o povo de Israel é poupado por causa disso. O mesmo acontece com a resposta do Senhor ao relato dos espias em Números 14. Quando o povo ouve a maioria dos espiões, recusa-se a subir à terra.

Deus decide que vai julgar o seu povo, vai destruí-lo. Moisés novamente intercede e Deus cede em enviar o julgamento. O profeta Samuel nos lembra que o papel dos profetas era interceder pelo povo de Israel.

Quando eles pecam contra Deus pedindo um rei e o Senhor envia esta tempestade dramática num momento em que você não esperaria isso na terra de Israel, o povo reconhece que Deus está irado com eles, e eles imploram e imploram a Samuel para continue a interceder por eles para que o Senhor não os destrua. Samuel diz que Deus me livre de pecar por deixar de orar pelo meu povo. Os profetas são um grande exemplo para os pastores hoje, e um dos nossos papéis como homens de Deus é ser um intercessor pelas pessoas que estão sob os nossos cuidados e pelas pessoas a quem ministramos.

Acho que isso se aplica a qualquer homem ou mulher a quem foi dada uma responsabilidade pastoral. Devemos interceder por aqueles que estão sob nossos cuidados e a quem somos chamados para ministrar. Uma das maneiras significativas pelas quais Deus julga o povo de Judá é que depois do tempo de Amós, quando chegar ao ponto em que Deus decidiu que vai julgar o seu povo, eles não evitarão, não evitarão o julgamento. que Deus vai enviar contra eles.

O Senhor diz a Jeremias, não interceda por essas pessoas. Não ore por essas pessoas. Esse é um julgamento significativo porque foi a intercessão dos profetas que, em última análise, muitas vezes poupou o povo da ira e da ira de Deus.

Deus até diz a Jeremias, mesmo que Moisés e Samuel fossem os grandes intercessores que Israel teve no passado, mesmo que intercedessem por este povo, eu não ouviria essas orações. Contudo, neste ponto do ministério de Amós e da vida da nação de Israel, Deus ainda está disposto a poupá-los do julgamento, e em resposta à intercessão do profeta, o Senhor muda de ideia e não envia o julgamento que ele havia planejado inicialmente. Acho que, também tratando deste período posterior da história de Judá a partir do profeta Ezequiel, vemos exatamente o oposto do que está sendo falado aqui porque lemos este versículo em Ezequiel capítulo 22 versículo 30.

Ali , diz o Senhor, procurei entre eles um homem que construísse o muro e se colocasse na brecha diante de mim pela terra, para que eu não a destruísse, mas não encontrei nenhum. Uma das razões pelas quais Deus finalmente trouxe o julgamento do exílio babilônico, ele estava procurando por um Amós, um Moisés, um Samuel que se levantasse e talvez intercedesse pelo povo ou o chamasse de volta ao arrependimento. Não havia ninguém lá.

Como resultado disso, Deus finalmente teve que trazer o julgamento. Se alguma vez chegarmos a um ponto em que pensamos que as orações, as ações, as palavras e o arrependimento de um único indivíduo, em última análise, não importam, temos estes exemplos espalhados por todo o Antigo Testamento, onde uma pessoa orou e, em última análise, uma nação foi poupada do julgamento. Como cristão, cresci num lar cristão e sei que meu pai é um homem de oração.

Muitas vezes penso sobre o que as orações daquele homem tiveram, que impacto elas tiveram na minha vida e no meu ministério? Que impacto eles tiveram sobre seus netos enquanto ele orava pelos meus filhos? Estou grato por isso. Deus ouve as orações de indivíduos solteiros. O Senhor ouviu a oração de Amós.

Há uma visão de um enxame de gafanhotos. Deus cede. Existem cinco visões de julgamento aqui.

Novamente, há outro lembrete da disposição de Deus em poupar o povo do julgamento. Vemos a mesma coisa na segunda visão. Capítulo 7, versículo 4. Isto é o que o Senhor Deus me mostrou.

Eis que o Senhor Deus estava clamando por um julgamento pelo fogo. Devorou o grande abismo e devorava a terra. Aqui temos o julgamento retratado, uma visão de um fogo que irá varrer a terra.

Se você já viu um incêndio florestal, conhece sua força destrutiva. Lá no capítulo 1 e no capítulo 2, quando Deus fala do julgamento das nações individuais, Ele diz: Enviarei fogo nos muros dessas várias cidades. Bem, agora esse fogo está consumindo a terra de Israel.

Amós percebe, ainda mais do que a praga de gafanhotos, que isto é algo ao qual Israel não pode sobreviver. Ele clama a Deus. Ele diz: Deus, por favor, pare.

Jacob é muito pequeno. Como eles podem resistir a esse ataque de julgamento? Mais uma vez, Deus cede. Pela segunda vez, Deus está duplamente disposto a poupar o povo disso.

Mas o que veremos nas visões que se seguem, depois das visões 1 e 2, nas visões 3, 4 e 5, o julgamento tornou-se irrevogável. Acho que sempre houve um ponto na vida do povo de Deus. Isso aconteceu em Israel mais cedo do que em Judá, onde havia prazos flexíveis em que Deus lhes daria oportunidades de arrependimento, mas finalmente chegou um ponto em que Deus disse o suficiente. A paciência de Deus, a compaixão de Deus e a lentidão de Deus em irar-se, até isso tem um limite.

Vemos aqui o movimento do julgamento possível, que pode ser evitado, para o julgamento inevitável, que inevitavelmente acontecerá. Isso também acontece nessas visões. O terceiro discurso de julgamento é a visão do fio de prumo que nos é dada no capítulo 7, versículos 7 a 9. Aqui está a visão.

Amós vê isso de uma forma visual e então explica esse quadro e imagem para as pessoas. Eis que estou colocando um fio de prumo no meio do meu povo, Israel. Nunca mais passarei por eles.

Os altos de Isaque serão desolados, os santuários de Israel serão devastados, e levantarei com a espada contra a casa de Jeroboão. Agora, o julgamento do qual Deus cede, os altos serão desolados, os santuários serão devastados, a casa de Jeroboão, eu vou trazer a espada contra ela. As coisas em que Israel confiava para lhes proporcionar outra segurança além de Deus e ter o tipo certo de relacionamento com Ele, os santuários e seus líderes, e essas coisas se tornam alvo do julgamento de Deus.

A razão para isso é que Deus estabelece um fio de prumo contra o Seu povo no meio do povo, e eles não estão à altura dos padrões da lei e da justiça de Deus. Agora, essa é a compreensão tradicional da visão que é dada aqui. Temos a tradução desta palavra anak pela palavra prumo.

Um fio de prumo é um barbante ou corda que tem um peso na ponta. O objetivo de um fio de prumo é que esse fio de medição seja usado para medir a retilidade de uma parede. Assim, quando o fio de prumo é baixado por um construtor, o construtor pode determinar se esta parede é reta. É seguro? Se inclinar, se não estiver muito aprumado, então, em última análise, poderá ser destruído.

Esse muro vai desabar sob seu próprio peso. Foi isso que aconteceu com Israel. Deus estabelece o padrão de Sua justiça e Sua lei.

Deus havia dito: você deve praticar a justiça para com o seu próximo. Você não deve ter o punho fechado. Você deve ter a mão aberta para com o seu próximo.

Quando Israel não tiver feito isso e quando não tiver vivido de acordo com os padrões da lei de Deus, o muro não será aprumado e, no final das contas, esse muro

irá ruir. Deus vai derrubar esse muro porque não é o que Ele planejou que fosse. Ele não pode cumprir a função para a qual foi projetado.

Em última análise, uma parede inclinada não é segura e não oferece proteção. É interessante aqui que algo que é usado normalmente, pensamos num fio de prumo, é usado para construir e construir alguma coisa. O fio de prumo aqui se torna uma visão de algo que está prestes a ser demolido.

Há um uso meio irônico dessa imagem em particular. No entanto, também existem algumas questões interpretativas com esta passagem em particular. A palavra anak usada aqui é o único lugar onde esta palavra em particular aparece no Antigo Testamento.

A palavra que normalmente é usada para uma linha de medição ou para um fio de prumo é a palavra hebraica kav . A palavra kav para linha de medição é usada em passagens como 2 Reis, capítulo 21, versículo 13. O fato de essa palavra não ser usada aqui levantou algumas questões nas mentes dos comentaristas.

Eles discutiram se esta passagem poderia ter um significado diferente daquele que tradicionalmente lhe foi dado? Uma interpretação alternativa baseada em evidências cognatas para esta palavra anak . Novamente, às vezes é problemático para nós tentar determinar o significado das palavras no Antigo Testamento quando elas são usadas apenas uma, duas ou algumas vezes. Com base em evidências cognatas da língua acadiana, a palavra emprestada acadiana relacionada a anak significa estanho.

O que esta visão poderia significar, poderíamos ter a visão tradicional, e acho que essa é provavelmente a melhor leitura na interpretação que podemos fazer, a menos que encontremos algo que explique melhor isso. Mas a ideia de Deus fazer os muros de Israel em estanho, e de que os muros concebidos para proteger Israel sejam feitos deste material barato, pode expressar a sua vulnerabilidade ao ataque inimigo que está prestes a sitiá-los. Eles pensam que são lugares altos.

Eles pensam que são santuários. Eles acham que a casa de Jeroboão é isso que a torna segura. No entanto, em última análise, essas paredes nada mais são do que estanho.

O oposto disso seria o que temos em Jeremias 1, versículo 18, onde quando o Senhor chama o profeta Jeremias, ele diz: Vou fazer de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e um muro de bronze. Você será capaz de resistir ao ataque de seus inimigos. Aqui, no entanto, podemos ter os muros de Israel retratados como estanho que serão facilmente derrubados.

Vou continuar com a interpretação tradicional ao ensinar o livro. Acredito que o fio de prumo seja a melhor explicação para isso, mas esta é uma possibilidade

alternativa. Uma razão pela qual a palavra anak , esta palavra incomum, pode ser usada aqui, é que ela soa muito semelhante à palavra anah , que é a palavra para luto.

Podemos ter algum tipo de jogo de palavras profético ou ironia aqui onde anak e anah e o luto que vai acontecer enquanto eles vivenciam toda essa morte e o julgamento de Deus, que podem ser parte disso. Essas são as três primeiras visões. A visão da praga de gafanhotos, Deus cede.

A visão do fogo, Deus vai varrer em julgamento. Amós ora, Deus cede. Contudo, na visão três, o fio de prumo está colocado.

Israel não está em conformidade com os padrões de Deus, e as coisas em que confiaram para lhes dar segurança não irão ajudá-los. No meio dessas visões, temos então um interlúdio narrativo em Amós 7, versículos 10 a 17. Ao lermos isso como leitores ingleses, muitas vezes a maneira como o Antigo Testamento mistura poesia e prosa nos parece estranha.

Mas temos uma série de passagens muito conhecidas em que um escritor justapõe prosa e poesia por razões retóricas específicas. Por exemplo, em Êxodo 14 e 15, temos um relato em prosa da conquista e da derrota dos egípcios. Deus afogando suas carruagens no mar.

Depois também temos uma celebração poética disso. Juízes capítulo 4 e 5, ambos um relato narrativo de uma vitória que os israelitas conquistaram na batalha, e depois uma celebração poética de como Deus usou as tropas de Israel para derrotar seus inimigos. Poesia e prosa muitas vezes podem ser justapostas.

Em Jeremias 30 e 31, oráculos poéticos prometendo a restauração e Deus restaurando a sorte de Israel. Capítulo 32 e 33, narrativas que acompanham isso. Então, isso não é simplesmente, ei, vamos inserir uma história aqui.

Há um propósito específico por trás disso, e acho que a razão deste relato narrativo nos capítulos 7, 10 a 17, é mostrar a rejeição da palavra do Senhor. Deus chamou Amós para ir pregar a Israel. Houve um conjunto único de circunstâncias entre isso.

Amós não era um profeta. Ele era um pastor. Ele parece ter sido um rico proprietário de terras que possuía extensas propriedades em termos de gado.

Ele tinha uma grande quantidade de terra que servia para o cultivo de figos de sicômoro. Mas no meio disso, Deus o chamou para fazer algo incomum: ele cruzou a fronteira e foi pregar em Israel. Mas quando ele vai pregar lá, obtemos a resposta que foi dada à sua mensagem através deste sacerdote chamado Amazias.

E Amazias disse a ele, olha, já ouvimos o suficiente da sua pregação. Não queremos mais que você fique aqui. Pare de pregar contra o santuário do rei.

Nunca mais profetize em Betel e vá para casa. Esta é a rejeição oficial da palavra de Amós. E então, como resultado disso, quando a palavra profética é rejeitada, a oportunidade de arrependimento que estava genuinamente ali, era uma sombra das coisas que Deus iria fazer.

Quando o Senhor enviou a praga de gafanhotos e o fogo, ele cedeu. Mas quando Amaziah e eu pensamos que o povo em geral diz, não queremos ter nada a ver com a mensagem de Amós. Queremos que você volte para casa.

Isso sela seu destino. Como resultado disso, as visões que temos, Visão 3, Plum Line, Visão 4 e Visão 5, estão todas falando sobre um julgamento que, neste ponto, tornou-se irrevogável. No Capítulo 8, a Visão 4 é a visão de uma cesta de frutas de verão.

E você pode pensar, bem, o que a visão de uma cesta de frutas de verão tem a ver com o julgamento de Deus? Lembro-me da minha aula de artes. Pintamos cestos de frutas de verão. Então, o que está acontecendo aqui? Bem, há um jogo de palavras envolvido na visão aqui que comunica tanto verbal quanto visualmente a mensagem de julgamento.

Capítulo 8, versículo 1 diz o seguinte: Isto é o que o Senhor Deus me mostrou. Eis uma cesta de frutas de verão. E o Senhor disse a Amós, o que você vê? E eu disse, uma cesta de frutas de verão.

Então o Senhor me disse: aqui está o significado disso: o fim chegou sobre o meu povo, Israel. Nunca mais passarei por eles. Lembre-se de que isso também estava na Visão 3.

Os cânticos do templo naquele dia tornar-se-ão lamentos, diz o Senhor. Haverá tantos cadáveres. Eles são jogados em todos os lugares.

Silêncio. Então, o que parece ser algo bastante inócuo para nós, uma cesta de frutas de verão? Esta é uma mensagem sinistra de morte e destruição que virá sobre a terra de Israel. O que está acontecendo aqui? Bem, o que precisamos ver é que a palavra hebraica para fruta de verão é a palavra qaitz .

E então a palavra usada para falar sobre o fim que virá sobre Israel é a palavra qaitz . E assim, a cesta de qaitz , fruta de verão, indica que o qaitz , o fim, chegou sobre Israel. Essa palavra final é usada na visão do fio de prumo.

E o Senhor diz que vou acabar com o meu povo. Nunca mais passarei por eles. E então, o que está acontecendo aqui é que Israel está no fim da sua história, e agora Deus está prestes a julgá-los.

A colheita da fruta do verão foi o último evento do ano agrícola para o povo de Israel. Este é agora o último evento antes de Deus exterminar seu povo, e o Senhor irá julgá-los por sua injustiça e pelas muitas maneiras pelas quais eles pecaram uns contra os outros. Acompanhando sua rejeição da palavra profética, Amós 8:11 diz: Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que enviarei fome à terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvindo as palavras de Deus.

Uma das maneiras pelas quais Deus pune a desobediência à palavra de Deus é eliminando a oportunidade de ouvi-la. Amazias não queria ouvir o que o profeta tinha a dizer. Em última análise, o povo não quis ouvir o que o profeta tinha a dizer e, portanto, o Senhor enviará uma fome que acabará por tirar a palavra de Deus do povo.

A visão final, e uma imagem bastante devastadora que nos leva ao final desta mensagem, é encontrada na quinta visão, que é a visão do santuário em colapso. Diz isto: Eu vi o Senhor em pé ao lado do altar, e ele disse: Golpeie os capitais até que os umbrais tremam, e os quebre na cabeça de todo o povo, e aqueles que restarem deles eu matarei à espada. Nenhum deles fugirá e nenhum deles poderá escapar do julgamento que está por vir.

Penso que há várias razões pelas quais a visão de um santuário em colapso é uma forma muito eficaz de fornecer um resumo da mensagem de julgamento de Amós. Primeiro, lembre-se que Amós pregou em Israel; capítulo 1, versículo 1 nos diz, dois anos antes do terremoto. E assim, o que imaginamos aqui com as capitais tremendo, caindo sobre a cabeça do povo, e Deus trazendo morte e destruição à terra, isso é retratar o julgamento novamente como um terremoto.

O terremoto simbolizou a destruição adicional que o Senhor traria quando matasse o povo com a espada trazida pelos assírios. A segunda coisa eficaz sobre isso é que, ao longo do livro de Amós, o profeta os condenou por irem aos seus santuários em lugares como Gilgal, Berseba e Betel e pensarem que seus rituais poderiam salvá-los.

O santuário é uma espécie de esconderijo, é o refúgio, é o abrigo antiaéreo. Podemos ir até lá e saber que estaremos seguros. No entanto, o próprio santuário é retratado como algo que está desmoronando no início do capítulo 9. Esses santuários não os protegerão.

E acho que a outra ideia que está sendo transmitida aqui é que este é um julgamento que será tão severo e tão extenso que, em última análise, não haverá como evitá-lo. É isso que é transmitido nos versículos 2 e 3. Eles podem cavar até o Sheol, nas

profundezas da terra, mas minha mão os levará. Eles podem subir aos céus, mas de lá eu os derrubarei.

O que temos aí é o que chamamos de merismo. A maior altura, a maior profundidade, eles podem ir para o Sheol, eles não escaparão do julgamento de Deus. Eles podem ascender ao céu, mas não serão capazes de fugir ou evitar Deus.

Se eles se esconderem no topo do Monte Carmelo, eu os procurarei e os levarei. Porém, se eles também tentarem esconder da minha vista, no fundo do mar, outro merismo, Deus acabará por destruí-los. Eles não serão capazes de evitar esse julgamento.

Tudo bem, no final da mensagem de julgamento de Amós, finalmente temos algo que conduz à mensagem de esperança. Mas eu só quero ler os dois últimos versículos da seção de julgamento no capítulo 9, versículos 9 e 10. Pois eis que darei ordem e sacudirei a casa de Israel entre as nações, como quem sacode com uma peneira, mas não seixo cairá na terra.

Todos os pecadores do meu povo morrerão à espada, aqueles que dizem: o desastre não nos alcançará. Então, quase entendemos, é uma destruição completa, é uma destruição total. Não há sobreviventes, não há esperança.

Estas pessoas são todos os pecadores da terra, mas no meio disso, no final desta mensagem, temos uma oferta de esperança. Finalmente, depois desta mensagem implacável de julgamento, julgamento e julgamento durante nove capítulos, há uma mensagem de esperança que se encontra para nós em Amós capítulo 9, versículos 11 a 15. E vou apenas ler esta passagem porque é importante equilibrar isso com todas as coisas terríveis que temos lido e que Deus preparou para fazer.

Naquele dia levantarei a barraca de Davi, que caiu, e repararei as suas brechas. Levantarei as suas ruínas e a reconstruirei como nos dias antigos, para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, declara o Senhor que faz isso. Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra alcançará o que sega, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente.

Os montes destilarão vinho doce, e todas as colinas fluirão para ele. Restaurarei a sorte do meu povo, Israel, e eles reconstruirão as cidades em ruínas e habitarão nelas. Plantarão vinhas e beberão o seu vinho.

Farão jardins e comerão dos seus frutos. Plantarei-os na sua terra, e nunca mais serão arrancados da terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus. Assim, após o julgamento ocorrer, haverá uma restauração.

Deus trará seu povo de volta à terra. Deus restaurará a dinastia de Davi. Observe que isso está olhando além do julgamento de Israel e, em última análise, concentrando-se até mesmo na queda de Judá.

Amós vê isso profeticamente. E quando Israel estiver de volta à terra, em vez de ser devastado por seus inimigos, em vez de os gafanhotos consumirem suas colheitas, em vez de Deus enviar a seca, a praga e o mofo, e todas as coisas sobre as quais ele os advertiu ao longo do resto do livro, existe a promessa de que haverá uma prosperidade agrícola incrível. Agora, ao examinarmos esta promessa, quero lembrá-los de que o que os estudiosos críticos muitas vezes dizem sobre essas passagens é que estas são muitas vezes edições posteriores de redatores e editores que, de alguma forma, tentavam oferecer esperança ao povo e suavizar o conflito. franqueza da mensagem profética.

Um dos problemas que tenho com isso, porém, é que vemos que o papel dos profetas, cada livro profético que temos no Antigo Testamento, contém tanto julgamento quanto salvação. E então acho que a suposição de que os profetas apenas pregaram o julgamento e que uma mensagem de esperança como essa estaria fora de lugar. Acho que essa é uma suposição que precisa de um pensamento desafiador. Também percebemos que os estudos críticos anteriores fariam uma forte distinção entre as palavras originais do profeta e estas edições posteriores ou emendas editoriais que foram feitas ao texto.

Contudo, tem havido também uma ênfase, e mesmo um reconhecimento entre vários estudiosos críticos, de que temos de lidar com o texto canônico tal como ele é. A distinção entre o profeta original e um editor posterior pode não ser tão significativa, afinal, porque o texto canônico, a mensagem oficial, inclui ambos. Acredito que no processo de inscrição, Deus falou através da palavra original do profeta, Deus falou através do profeta à medida que a mensagem foi escrita, e Deus também pode ter falado através das palavras dos editores que moldaram e transformaram esses livros em a forma canônica final que temos hoje.

E assim, se devemos distinguir entre as palavras originais do profeta ou as palavras posteriores de um editor, em última análise, não é uma questão significativa porque Deus inspira todo este processo. Não há nada inconsistente com a ideia de que o próprio profeta pregou este tipo de mensagens. Alguns argumentariam, bem, esta passagem fala sobre a queda da casa de Davi e o exílio final de Judá.

Se acreditarmos que Deus estava se comunicando profeticamente com Amós, não há problema com Amós no século VIII vendo isso acontecer. Judá também estava começando a sentir os efeitos da crise assíria. Isso não é algo surpreendente.

A ideia de que um editor poderia ter esclarecido algumas das mensagens posteriores de Amós e nos ajudado a ver que elas se aplicavam tanto a Israel como a Judá

também é uma possibilidade. Uma das outras coisas que devemos ter em mente é lembrar que a natureza da aliança de Deus, conforme está resumida em Êxodo 34, versículos 6 e 7, é que Deus é um Deus de compaixão, um Deus de hesed, um Deus que é lento para se irar e que perdoa seus pecados e que mostra essa misericórdia por mil gerações. Ele também é um Deus, Êxodo 34, 7, que não desculpa os culpados e os responsabiliza e até visita os pecados dos pais nos filhos em certas circunstâncias.

Esses são dois aspectos duais do caráter de Deus. O fato de os profetas serem porta-vozes de Deus não deveria nos surpreender que eles enfatizem ambas as coisas. Não há nada de inconsistente com um profeta como Amós pregando esta mensagem incansável de julgamento, mas também oferecendo às pessoas palavras de esperança.

Isso não significa que Amós encerrou cada mensagem que pregou com a promessa de esperança. Você será arrancado da boca do leão e não restará nada além de um pedaço de rabo, uma orelha e uma perna. Mas não se preocupe, Deus acabará por restaurar você.

Mas em algum momento, no ministério do profeta, foi importante para ele lembrar ao povo o compromisso de Deus com as promessas da sua aliança. E não há nada inconsistente, ou não há razão para assumirmos imediatamente que Deus não poderia ter revelado isso a Amós. Deus revelou a Moisés, como profeta original de Israel, de certa forma a história de Israel antes mesmo de ela realmente acontecer.

E quero lembrá-lo do que essa história implicou e do que essa história envolveu em Deuteronômio capítulo 30. Ele diz, Deuteronômio 30, Moisés reconhece que eles não vão obedecer, eles não vão seguir o Senhor, eles estão vai ser expulso da terra. Mas quando isso acontecer, e o povo voltar para o Senhor, seu Deus, e você e seus filhos, e você obedecer à sua voz e a tudo o que eu lhe ordeno de todo o coração, Deus restaurará sua sorte e terá compaixão de você.

E Moisés continua dizendo que quando eles voltam para a terra de onde foram expulsos. Moisés conhece como profeta a história de Israel antes mesmo de ela acontecer. E assim, não é inconsistente pensarmos que, quando Deus revelou o futuro a Amós e o que Deus estava se preparando para fazer pelo povo de Judá e o que Deus iria fazer ao povo de Judá e a Israel, não era inconsistente. para Amós entender, não é inconcebível a ideia de que Amós pudesse pregar uma mensagem de julgamento implacável, mas também nos dar uma promessa de esperança duradoura.

Agora quero que entendamos esta mensagem à luz da teologia do Antigo Testamento. No capítulo 32, versículo 11, naquele dia levantarei a barraca de Davi, que está caída. Deus vai restaurar a casa de Davi.

No final das contas, Deus cumprirá as promessas da aliança com o reino davídico porque o Senhor restaurará a casa de Davi. E mesmo que o reino de David acabasse por se tornar um abrigo em ruínas, eles já experimentaram isso em certo sentido. As dez tribos se afastaram.

Mesmo que a casa de Davi acabe sendo desonrada e se torne uma barraca caída, Deus a restaurará. Deus também promete no versículo 12 que Deus restaurará a casa de Davi para que mais uma vez o rei davídico se torne um poderoso líder militar. E então, em última análise, estamos ansiosos pelo governo e pelo reinado do Messias aqui.

E o que acontecerá quando este domínio for restaurado, diz o versículo 12, para que eles possam possuir o remanescente de Edom. Deus está prometendo ao futuro rei davídico uma dinastia e depois um domínio sobre seus inimigos. E isso está de acordo com as promessas messiânicas que vemos em todo o Antigo Testamento.

Em Gênesis capítulo 49, quando Jacó abençoa seus filhos e promete domínio a Judá, Judá, seus irmãos, te louvarão. Sua mão estará sobre o pescoço de seus inimigos. Os filhos de seu pai se curvarão diante de você.

No versículo 10, o cetro não se arredará de Judá nem o cajado de entre seus pés até que chegue o tributo, e a ele será a obediência de todos os povos. No início, Deus está prometendo um domínio e uma dinastia a Judá e sua tribo que incluirá o domínio sobre as nações. O primeiro cumprimento disso está em Davi.

O cumprimento final disso está em Jesus Cristo. O capítulo 24 de Números é outra passagem messiânica importante no desenvolvimento da doutrina e na compreensão do Messias no Antigo Testamento. Balaão, este homem que foi contratado para amaldiçoar o povo de Israel, em vez disso, toda vez que ele abre a boca, uma bênção sai.

E aqui está a bênção dada a Israel em Números 24:17. Uma estrela sairá de Jacó, e um cetro se levantará de Israel. Estamos falando de um rei que irá ressuscitar.

E ele esmagará a testa de Moabe. Ele destruirá todos os filhos de Sete. Edom será despojado.

Seus inimigos, serão despojados. Israel está agindo valentemente, e um de Jacó exercerá domínio e destruirá os sobreviventes da cidade. Balaão diz: ei, não posso amaldiçoar essas pessoas.

Cada vez que abro a boca, Deus quer abençoá-los. No final das contas, Deus levantará um rei em Israel que governará e reinará sobre seus inimigos. Uma das pessoas mencionadas ali é Edom e Seir; eles são os descendentes de Esaú.

E assim, Davi, quando chega ao poder em 2 Samuel capítulo 8, versículos 11 e 12, um do povo que ele subjuga, os edomitas. David é o cumprimento final de Gênesis 49 e Números 24. O Messias, o futuro rei davídico, é o cumprimento final do que está sendo prometido aqui.

Na dinastia davídica, Deus prometeu estabelecer aquela casa, mas também disse: se seus filhos desobedecerem, eu os punirei. Por causa disso, a casa de David tornou-se como uma barraca em ruínas e caída. Definitivamente perdeu a sua glória e o seu poder, mas esta passagem promete que, em última análise, Deus irá restaurar isso.

A segunda coisa que faz parte desta promessa não é apenas uma promessa para a casa de Davi, mas em última análise, há uma promessa para todo o povo nos versículos 13 a 15. E a passagem diz que no futuro, quando eu restaurar o meu povo, o lavrador alcançará o segador, o pisador das uvas, o que lança a semente. Deus promete restaurar a Israel a incrível abundância agrícola que eles foram projetados para desfrutar quando Deus os conduziu à terra prometida, para começar.

Esta era uma terra que manava leite e mel. Deus queria abençoá-los de maneiras incríveis. Esta é uma promessa de que um dia eles experimentariam isso.

Poeticamente, essas linhas são apresentadas aqui como uma estrutura quiástica para nos mostrar que eles não terminarão de colher uma colheita antes de chegar a hora de começar a plantar outra. Veja as linhas aqui. O lavrador, que é uma atividade de plantio, ultrapassará o ceifador, que é uma atividade de colheita.

Mas na segunda linha, o pisador das uvas, que é uma atividade de colheita, ultrapassará aquele que lança a semente. E então, eles terão muita recompensa em sua colheita. Eles não vão terminar uma colheita antes de chegar a hora de começar outra temporada agrícola.

Uma imagem ainda melhor aqui. As montanhas gotejarão vinho doce e as colinas fluirão com ele. Então, haverá rios de vinho fluindo pelas colinas.

Isto é ainda melhor do que leite e mel fluindo pela terra. Incrível generosidade, prazer e bênção de Deus. Deus vai cumprir as promessas da Sua aliança.

As cidades e os lugares que foram destruídos, diz o Senhor, restaurarei a sorte do meu povo, Israel. Eles reconstruirão as cidades em ruínas e habitarão nelas. Plantarão vinhas e beberão o seu vinho.

Farão jardins e comerão dos seus frutos. Plantarei-os na sua terra, e nunca mais serão arrancados da terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus. Assim, as condições do exílio serão revertidas.

O Senhor irá restaurar a sorte do povo de Israel. E assim, esta promessa aqui é consistente com a visão escatológica que temos ao longo dos profetas do Antigo Testamento de que o julgamento não é a palavra final e que, em última análise, o que é esta restauração que Deus prometeu no futuro e sobre os últimos dias ele fala, que esta restauração que ocorrerá no futuro trará o cumprimento de todas as promessas da aliança que Deus fez a Israel. O que eu gostaria de fazer em algumas sessões posteriores, enquanto falamos sobre as profecias dos Profetas Menores que tratam do futuro escatológico, é pegar essas passagens do Antigo Testamento e o que elas significavam em seu contexto do Antigo Testamento e nos ajudar a entender um pouco mais plenamente o que queremos dizer quando olhamos para isso à luz do Novo Testamento.

Quando o profeta fala sobre os últimos dias, o que isso significa à luz do Novo Testamento? E o que veremos no Novo Testamento é que os últimos dias não se referem simplesmente ao tempo imediatamente anterior à segunda vinda. Eles não se referem apenas ao tempo do dia do Senhor e à Grande Tribulação. Mas os últimos dias falam de algo que começou com a primeira vinda de Jesus.

E as pessoas muitas vezes fazem a pergunta: o que queremos dizer com últimos dias? Estamos vivendo nos últimos dias? Eles realmente querem saber se Jesus voltará logo. Mas a perspectiva do Novo Testamento é que os últimos dias que foram prometidos pelos profetas do Antigo Testamento já começaram. E há um aspecto de agora e de ainda não nas bênçãos sobre as quais o profeta vai falar. De certa forma, os últimos dias, os dias que estão por vir, dos quais os profetas estão falando, esses últimos dias começaram quando Israel foi trazido de volta à terra.

E de forma temporária, começaram a experimentar as bênçãos que Deus havia prometido para eles. Contudo, eles não haviam retornado totalmente ao Senhor e, portanto, essas bênçãos não foram plenamente experimentadas. De uma forma maior e mais dramática, as bênçãos dos últimos dias chegam com a primeira vinda de Jesus.

Ao observarmos como o capítulo 9 de Amós é citado no livro de Atos, Tiago usa esta passagem para falar sobre a inclusão dos gentios no povo de Deus. O que Amós prometeu naquela época sobre o rei davídico reinando e possuindo essas nações e as nações sendo chamadas pelo seu nome, Tiago diz que está sendo cumprido quando Paulo e Silas, esses missionários cristãos, explicam o evangelho e o pregam aos gentios e os gentios entram no reino. Esse é o cumprimento do que Amós está falando.

Mas a conclusão deste padrão acontece na segunda vinda de Jesus, quando há uma plena realização das promessas da aliança que Deus fez. O povo de Deus da nova aliança está totalmente formado. Israel é restaurado ao seu lugar de bênção e Deus finalmente governará e reinará sobre a sua criação e o rei davídico terá o seu domínio restaurado para que ele governe sobre todas as coisas.

Amós prega uma mensagem de julgamento implacável, mas no final disso há uma promessa de esperança. Como cristãos, lemos isso e percebemos que, em última análise, essas promessas que Deus está fazendo a Israel, ao povo de Deus e, em última análise, às próprias nações de que seriam incluídas neste reino, em última análise, vemos que essas promessas se cumprem para nós na pessoa de Jesus Cristo.

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre os Profetas Menores. Esta é a sessão 10, Visões de Julgamento e Promessa de Restauração, Amós 7-9.